

**22 de novembro de 2005**  
**Perfil de um liberal**

Escreveu-me, recentemente, da cidade de Juazeiro do Norte, santuário de fé e tenda dos milagres nordestinos, o leitor Epaminondas Guerreiro, funcionário público aposentado, sugerindo-me um texto sobre José Américo de Almeida, "o grande escritor e político paraibano que o Ceará jamais esqueceu".

Realmente a terra de José de Alencar sempre nutriu muita admiração pelo autor de A Bagaceira.

Tanto isso é verdade, que em agosto de 1958, candidato ao Senado pela Paraíba, em comício na cidade de Cajazeiras, fronteira com o estado do Ceará, José Américo, consciente do prestígio que tinha com a gente alencarina, disse que "falo baixinho para que o Ceará não escute que, para ser eleito na Paraíba, eu seja obrigado a pedir votos".

De fato, José Américo de Almeida, como ministro de Viação e Obras Públicas, do governo Vargas, idos de 1932, o povo do Nordeste, morrendo de sede e de fome, foi rápido e solícito no enfrentamento do flagelo da estiagem.

O combate aos desacertos econômicos foi preocupação que o acompanhara por toda a sua longa e trepidante vida pública.

Era, sem dúvida, um revoltado com os padrões dominantes.

A literatura e a política lhe deram o compromisso histórico de ir à luta desafiando métodos e processos superados.

Foi, por isso, um revolucionário no pensamento e na ação.

A Bagaceira, o mais social de todos os romances brasileiros, é a viva preocupação com a terra e o homem nordestinos.

Nas diversas funções que ocupou como governador da Paraíba, senador da República e ministro de Estado, sabia e conhecia a responsabilidade do cargo, fazendo-o maior pela sua postura e talento incomensurável.

Liberal nas idéias políticas e no campo econômico, teve a visão do justo e do humano.

O seu livro A Paraíba e Seus Problemas é a consciente análise da estrutura imperante, para quem o Estado deveria intervir e dinamizar uma válida e urgente política de distribuição de renda e justa ação no campo.

Leal, sem fazer concessões, dele conta-se que, quando governador da Paraíba, recebeu de um chefe político do interior pedido de caráter estritamente pessoal. Negou-se a atendê-lo, porque entendia sem nenhuma grandeza administrativa. Gostava dos benefícios coletivos. Ao que, contrafeito, o cacique sertanejo teria desabafado: "É terrível esse homem: nega um copo d'água e faz em açude!".

Fez escola na vida pública, para quem o poder deveria ser impessoal e onde a democracia não fosse confundida com a vontade do déspota, mas, pelo contrário, fosse o regime das divergências, ou como o conceituou Maurice Duverger: "o governo dos povos adultos".